

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

Nº 09

OS PRENÚNCIOS DO PAISAGISMO MODERNO: O PARQUE DO DERBY NO "NOVO RECIFE" DE 1925

Ana Rita Sá Carneiro

Aline de Figueirôa Silva



Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Missão

O CECI tem como missão promover a conscientização, o ensino e a pesquisa sobre a conservação integrada urbana e territorial dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável. Suas atividades são dirigidas para a comunidade técnica e acadêmica brasileira e internacional

Diretoria

Jorge Eduardo Tinoco, Diretor Geral
Mônica Harchambois, Diretor
Raquel Borges Bertuzzi, Diretor
Renata Campello Cabral, Diretor

Conselho de administração

Silvio Mendes Zancheti, Presidente
Tomás de Albuquerque Lapa
Vera Milet Pinheiro
Ana Rita Sá Carneiro
José Fernandes Menezes

Suplentes

Luis de La Mora
Fernando Diniz
Norma Lacerda

Conselho fiscal

Virginia Pitta Pontual, Presidente
Natália Vieira
Fátima Alves Mafra
Fábio Cavalcanti
Magna Milfont

Suplentes

Fátima Alves Mafra
Magna Milfont

Texto para Discussão

Publicação com o objetivo de divulgar os estudos desenvolvidos pelo CECI nas áreas da Gestão da Conservação Urbana e da Gestão do Restauro.

As opiniões emitidas nesta publicação são de responsabilidade exclusiva dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada.

É permitida a reprodução do conteúdo deste texto, desde que sejam devidamente citadas as fontes. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Editores

Gestão da Conservação Urbana

Natália Vieira, Renata Cabral e Vera Milet Pinheiro

Gestão de Restauro

Jorge Eduardo L. Tinoco, Mônica Harchambois e Roberto Dantas de Araújo

Identificação do Patrimônio Cultural

Ana Rita Sá Carneiro, Magna Milfont e Virginia Pontual

Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Rua Sete de Setembro, 80
Olinda – PE
53020-130 – Brasil
Tel/Fax.: (55 81) 3429-1754
textos@ceci-br.org
www.ceci-br.org

FICHA BIBLIOGRÁFICA

Autores: Ana Rita Sá Carneiro e Aline de Figueirôa Silva

Título: OS PRENÚNCIOS DO PAISAGISMO MODERNO: O PARQUE DO DERBY NO "NOVO RECIFE" DE 1925.

Editora: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Tipo da publicação: Textos para Discussão – Série Gestão da Conservação Urbana

Local e ano de publicação: Olinda, 2007

ISSN: 1980-8267

OS PRENÚNCIOS DO PAISAGISMO MODERNO: O PARQUE DO DERBY NO "NOVO RECIFE" DE 1925.

Ana Rita Sá Carneiro e Aline de Figueirôa Silva.

Resumo - O Parque do Derby, hoje Praça do Derby, implantado em 1925 como iniciativa do governador Sérgio Lorêto na gestão do prefeito Antonio de Góis, lançou as bases do paisagismo moderno no Recife, antecedendo a atuação do paisagista Burle Marx (1935-1937). Um projeto de paisagem urbana que contemplava preocupações estéticas e ecológicas, no sentido de embelezamento e higienização, incluía o desenho de um loteamento, a definição de um padrão residencial configurado por palacetes, o projeto do Canal Derby-Tacaruna e a criação de um parque recreativo. A concepção do parque segundo os moldes europeus continha elementos do romantismo inglês como coreto, pérgula, lago e alamedas, e o traçado do barroco francês, com imponentes eixos de circulação que garantiam modernidade e permanência na sua função de refúgio e reclusão para uma futura vida urbana intensa. Nesse sentido, grandes eixos arborizados formavam as ruas que articulavam os maciços vegetais com as futuras residências e edifícios institucionais do entorno, com o canal e com o rio Capibaribe. Tal magnitude, de certo modo, consolidava a idéia de complexo recreativo proposta por Delmiro Gouveia em 1898. O projeto do parque conjugava o 'verde sanitário' e o 'verde decorativo' do pensamento moderno de Camillo Sitte, que foi perpetuado no traçado sanitário do engenheiro Saturnino de Brito para o Recife entre 1909 e 1915. Trata-se de um projeto de paisagem e de espaço público articulado que exerceu influências no pensamento dos projetistas posteriores, incluindo Burle Marx, conjugando valores locais e universais e lançando as bases para a constituição de um paisagismo moderno na cidade do Recife. Este notável projeto foi conservado até hoje como um dos lugares de referência da cidade.

Palavras chave: paisagismo moderno, concepção estética, função recreativa.

INTRODUZINDO O PENSAMENTO PAISAGÍSTICO MODERNO DA DÉCADA DE 1920

A produção paisagística do Recife na década de 1920, particularmente o período correspondente à administração do prefeito Antônio de Góis (1922-1925) e à administração do governador Sérgio Lorêto (1922-1926), reúne uma série de intervenções significativas, seja pela remodelação de antigos jardins, seja pela implantação de parques em antigos largos, praças e campinas. A conotação de 'parque' estava atrelada à compreensão de espaço vegetado de maior dimensão contendo elementos expressivos como lagos, coretos e pavilhões, fontes, bancos, etc, e ao propósito de expansão da cidade.

Remontam a esse momento a criação do Parque do Derby, na então Campina do Derby, do Parque Sérgio Loreto, no sítio denominado de Campina do Bodé, do Parque do Entroncamento, no então Largo ou Praça do Entroncamento, e o Parque do Payssandu, à época conhecido por Largo Chora-Menino ou Praça do Payssandu, além dos Parques Amorim e Oswaldo Cruz.

Esse período foi entendido por Moreira (1994) como uma fase de “Modernização do Recife” ou da construção de uma “Cidade Moderna”, que englobava a reforma urbana do Bairro do Recife, o projeto de melhoramentos do Porto e o Plano de Saneamento do Recife, do engenheiro Saturnino de Brito, num primeiro momento entre 1909 e 1915. E, noutro momento, entre 1922 e 1926, a urbanização da Campina do Derby, a construção da Avenida Beira Mar (atual Avenida Boa Viagem) e a modernização de antigos largos e praças.

No início do século, a intenção de reformar o bairro, ampliar o Porto e sanear a cidade demonstram preocupações de ordem estética, funcional ou utilitária e sanitária ou higiênica, que também se expressariam na perspectiva de criação dos parques entre 1922 e 1926.

A reforma do bairro estava vinculada à idéia de embelezamento, inspirada na urbanística francesa de meados do século anterior, ao passo que a reforma do Porto se assentava sobre necessidades de expansão e reaparelhamento da estrutura portuária, ressaltando uma preocupação de ordem pragmática, funcional. Por sua vez, o desejo de sanear a cidade pautava-se no ideário higienista e salubrista, capitaneado por Saturnino de Brito.

Enfim, a cidade, pode-se assim ensaiar, era tratada como uma cidade estética, uma cidade funcional e uma cidade saneada, sentidos esses que permaneceriam como um cenário maior da criação, alguns anos depois, de um conjunto de parques que conjugavam intenções estética, higiênica e recreativa (utilitária), na perspectiva de um “Novo Recife” ou de um “Recife Moderno”.

Nesse conjunto, ressalta-se o Parque do Derby, que extrapolava a criação de um espaço público, tratando-se da implantação de um bairro com definição de um loteamento, um padrão residencial de palacetes e um parque, marcando a expansão da cidade.

As funções atribuídas e os projetos dos parques procuravam:

*“acertadamente alliar o **utilitarismo** das coisas públicas aos preceitos da boa **esthetica** urbana (...) e à **higiene**, que são por assim dizer as mais affirmativos factores do grão de civilização de um grande centro populoso e detentor das mais seguras possibilidades de opulência e de grandeza”* (Revista de Pernambuco, Anno II, Num VI, Dezembro de 1924) (Grifos nossos).

A intenção de criação de parques que teriam função de embelezamento da cidade se rebatia em um projeto que incluía um mobiliário artístico, a exemplo de bancos, fontes, pérgolas, colunas, jarros, jardineiras e outros elementos de efeito decorativo, como gramados, alamedas e lagos.

Sobre o Parque Sérgio Loreto, dizia-se que:

“com seu lindo grupo escolar, seus risonhos grammados (...), sua ilha, muito verde, emergindo da serenidade de seu pequeno lago (...) constitue uma das melhores realizações da actual administração municipal” (Revista de Pernambuco, Anno II, Num XIII, Julho de 1925).

E a respeito do Parque do Entroncamento falava-se:

“Está certamente fadado a deixar a mais agradável impressão o bello Parque do Entroncamento, cujos trabalhos de construção e embellezamento apresentam já de agora um avançamento (...). Em seguida, foi iniciada a construção de artisticas e graciosas alamedas que convergem para um núcleo central (...) onde se ergue na elegancia de suas linhas e do seu conjuncto, a monumental fonte luminosa adquirida pela Prefeitura (...) e que se caracteriza pelo seu perfeito acabamento artistico e pelo deslumbrante effeito de seu

poder iluminativo (...) São também de bronze os lindos florões que sobem helicoidalmente pela frente da columnna. Há inda outros motivos ornamentaes de grande effeito decorativo (...) uma graciosa pergola (...) artisticos bancos e sobrias columnnas supportando lindos jarrões destinados a conter plantas decorativas” (Revista de Pernambuco, Anno II, Num IV, Agosto de 1925).

Além da função de embelezamento, os parques agregavam a função higiênica, no sentido de sanear a cidade, relacionando-se em nível do projeto mais especificamente à vegetação, em especial ao estrato arbóreo que configurava alamedas ou maciços. Enquanto a vegetação presente nos parques na forma de gramados, jardineiras e em jarros assumia uma função decorativa, portanto ligada à função estética, era a vegetação de maior porte e em quantidade que atribuía aos parques a função de higienizar.

Assim era enunciado o Parque Sérgio Loreto:

“O largo terá na ponta o edificio do Grupo Escolar Sergio Loreto, obedecendo a todas as regras de hygiene (...) já estão em andamento os serviços de construção de um grande lago, no qual se verá uma ilha ostentando ruínas de velhos edificios em que sobe a era e vegetam plantas carcaterísticas (...) As margens do lago ficarão em talude, serão gramadas, com a sua arborização apropriada e bem distribuída e dando acesso á ilha por diversas pequenas e artisticas pontes de cimento armado” (Revista de Pernambuco, Anno II, Num XIII, Julho de 1925).

Sobre o Parque do Derby falava-se:

“O Plano Geral dos trabalhos (...) comprehende, além dos serviços primordiais de drenagem pela abertura de um canal, com os muros de cais e o aterro de que falamos ainda a construção de avenidas profusamente arborizadas e de um grande bosque que farão (...) o logradouro mais pitoresco da cidade do Recife” (Revista de Pernambuco, Anno I, Num I, Julho de 1924).

Continuando com o Parque do Payssandu, proclamado de tal modo:

“O aformoseamento no interior do refúgio conta com ajardinamento distribuído em canteiros (...), arruamento e de farta arborização que com suas arvores quer propriamente arborisação quer de ornamentação está destinada a dar sombra e alegria a tão aprazível recanto da cidade. (...) São também cobertos de pedra britada as ruas do interior, vantajoso e hygienico systema que impede e evita o acúmulo de água” (Revista de Pernambuco, Anno I, Num I, Julho de 1924).

Aos parques do Recife na década de 1920, ainda era atribuída a função recreativa referente às atividades como a prática de retretas e tocatas, exposições, exercícios físicos, desfiles e paradas dos batalhões. Em relação ao projeto, essa função se refletia na existência dos pavilhões, no Parque do Entroncamento, no Parque Sérgio Loreto e no Parque do Payssandu, e ao campo de esportes, no Parque do Derby.

Veja-se o que se disse a respeito do Parque do Derby:

“Terá o grande parque a extensão de 200 m de frente, inclusive a praça de exercícios e a parada dos batalhões” (Revista de Pernambuco, Anno I, Num I, Julho de 1924).

E sobre o Parque do Payssandu:

“é mais um logradouro público construído pelo dr. Antonio de Góes, a cuja operosidade deu a nossa capital grande número de serviços não só de utilidade pública,

como também de aformoseamento e conforto para a população urbana. (...) No centro do refúgio foi construído um belo pavilhão octogonal de cimento armado, tendo suas escadinhas de granito (...). O pavilhão é destinado a retretas, está aparelhado com bancos próprios para bandas de música” (Revista de Pernambuco, Anno I, Num I, Julho de 1924).

Apesar de específicas, estas três funções – a estética, a higiênica e a recreativa – estavam fortemente relacionadas entre si e no conjunto dos parques do Recife nesse momento, expressando um pensamento paisagístico moderno.

DISCUTINDO A CONCEPÇÃO E O DESENHO PAISAGÍSTICO DO PARQUE NO BAIRRO

A idéia de criação do Parque do Derby na década de 1920, seja como bairro-jardim, seja priorizando a implantação de um parque público partiu da atuação de profissionais ingleses e franceses que no Brasil chegaram para construir as cidades. Assim, esse projeto de paisagem urbana está mesclado por traços do paisagismo inglês e francês que foram incorporados à realidade do Recife e que podem ser analisados sob vários aspectos, como as funções prioritárias nas intervenções urbanas, o traçado do bairro ou do parque, o mobiliário ou seus projetistas. Sabe-se que atuavam na equipe da Diretoria de Viação e Obras Públicas, os engenheiros Giacomo Palumbo, José Estelita, Atílio Correia Lima, Nestor de Figueiredo e Domingos Ferreira, este último suposto autor do projeto do Parque do Derby e responsável pelo projeto do Parque 13 de Maio em 1939.

O desenho em perspectiva do projeto urbano do “Parque do Derby” estampado na capa da Revista de Pernambuco em 1925 com a denominação de “Recife Novo” sugeria uma paisagem urbana cujo centro era o espaço público prolongado pela arborização das ruas num traçado de influência européia. Isso para demonstrar que o governador Sérgio Loreto almejava o que pudesse haver de mais moderno para o Recife (Figura 1). O desenho criterioso nos detalhes de representação ressalta as linhas naturais predominantes da paisagem – as águas do rio e do canal e a vegetação – como definidores de uma proposta paisagística de bairro-jardim, seguindo a concepção dos parques ingleses no século XIX, em que o parque é parte de um grande loteamento.

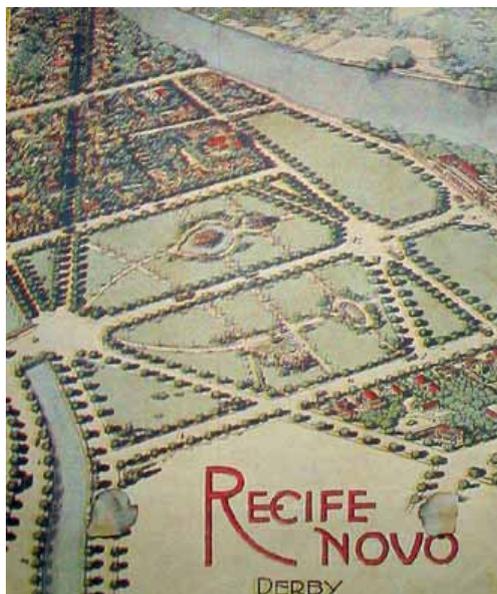


Figura 1: Desenho do Parque do Derby. Fonte: Revista de Pernambuco, agosto de 1925.

Um exemplo disso é o Birkenhead Park pensado por Paxton em 1845. Nesse caso, o parque, motivo da urbanização, tem um traçado que se distribui entre linhas curvas acentuadas, lagos, intensa vegetação e é circundado por um loteamento que torna viva a perspectiva de se garantir o uso e a manutenção (Figura 2). Entende-se assim que o espaço público, ou seja, o parque, é o elemento estruturador de um projeto de expansão da malha urbana e vê-se que o conceito de parque carrega não só a idéia de espaço vegetado e saudável, mas também de algo construído, de um complexo arquitetônico que lhe dê solidez, o legitime e garanta sua permanência.

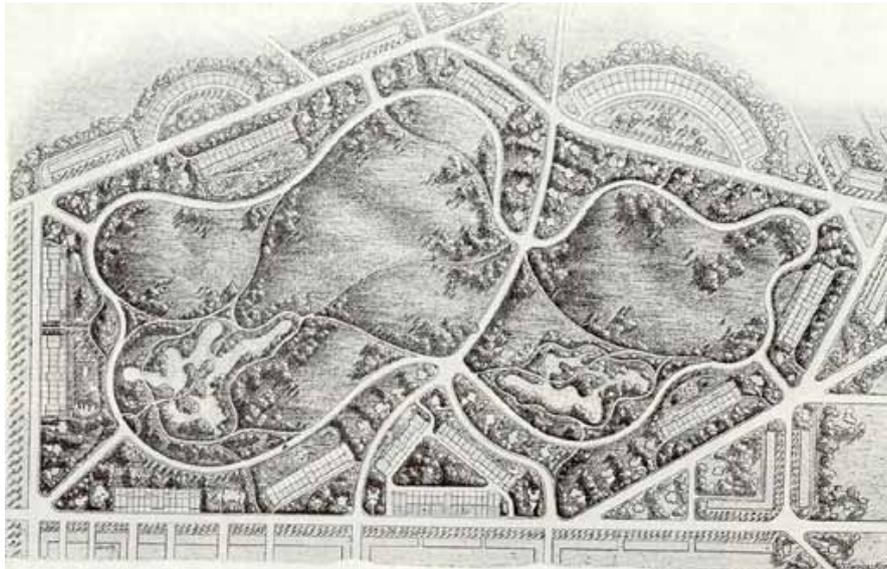


Figura 2: Birkenhead Park (1845). Fonte: Conway *apud* Ribeiro, 1996, p. 16.

Dessa forma o surgimento dos bairros jardins seguindo os preceitos da cidade-jardim de Howard, responde a uma escala menor da intenção de conciliar os espaços livres com os espaços construídos. Essa manifestação urbana aconteceu também em São Paulo. O Jardim América de Berry Parker criado em 1912 é a primeira experiência que segue os princípios de Howard em território americano (Marcondes, 2005) e que foi contemporânea à de Parker e Unwin para o Hampstead Garden Suburb em Londres. Antes disso, porém, já houvera a implantação do bairro denominado Campos Elíseos, primeiro bairro planejado de São Paulo em 1890 e vinculado à cultura cafeeira, por iniciativa do suíço Frederico Glette e do alemão Victor Nothmann. Tal iniciativa procurou atender às aspirações da nova classe em ascensão, projetando um espaço com traçado geométrico, largas avenidas, alamedas e grandes lotes numa intenção de manter a grande propriedade e o cenário de capitais européias (Marcondes, 2005). Essa também já era a intenção do prefeito Lima de Castro para o Recife desde 1922 (Marques, 1996).

Já em 1860, o desenho para o Passeio Público 13 de Maio do Recife apresentado pelo engenheiro inglês William Martineau configura um traçado a partir de eixos de influência francesa guardando relação com o rio Capibaribe e com a Praça da República e o jardim do Campo das Princesas por meio da arborização das ruas ao longo do rio e das vias circundantes.

Posteriormente, segue-se o empreendimento comercial e recreativo de Delmiro Gouveia, por volta de 1898, que instala o Mercado Modelo Coelho Cintra e o Hotel Internacional (Figura 3). Tratava-se de um complexo que ainda continha velódromo, cassino e parque de diversões (Correia, 1998). A existência desse complexo recreativo, incendiado por volta de 1901 por questões políticas, justificou a intenção do Governo do Estado de construir um quartel para alojar o 2º Batalhão da Força Pública, executando um

grande aterro e visando à expansão urbana. Diante disso, o Derby já teria as ruínas de um antigo mercado que seriam aproveitadas e no lugar do Hotel Internacional foi construída a Faculdade de Medicina, projetada pelo italiano Giacomo Palumbo, hoje Memorial de Medicina.



Figura 3: Hotel Internacional, cartão-postal pertencente ao acervo do Museu Delmiro Gouveia, na cidade de Delmiro Gouveia-AL.

O projeto do bairro, portanto, estava alicerçado na idéia inicial de Delmiro Gouveia consolidando os ideais modernistas de embelezamento por meio da criação de espaço público e apoiando um empreendimento que atraísse a população pela qualidade estética, oferta de esportes, exposições, desfiles, etc. Segundo Correia (1998, p.195), o Derby se inspira em experiências européias e americanas, sobretudo favorecidas pelo acesso a revistas especializadas e visita a exposições da indústria em países estrangeiros, realizadas por Delmiro Gouveia.

As influências francesas parecem se firmar não só a partir da concepção da renovação do Porto e da remodelação do bairro do Recife, abrindo grandes avenidas espelhadas nas idéias de Haussman, mas também, das linhas de atuação de Saturnino de Brito por meio do Plano de Saneamento do Recife de 1910, idealizado nos moldes do urbanismo sanitaria de princípios técnicos e estéticos, o qual também defendia a criação de parques públicos em que o Derby é recomendado. Segundo Brito (*apud* Arruda, 2005):

*“O campo do Derby não deve ser arruado e edificado; seria um atentado inqualificável contra a **estética** municipal, sendo também prejudicial à **higiene** da cidade, que precisa cuidar desde já de salvar o que puder de espaços livres destinados aos Parques. Nesse campo devem-se deixar tabuleiros apropriados para os jogos de esporte, mantendo-se a preferência que já se lhe dá para a **útil diversão**”* (Grifos nossos).

A recomendação de Saturnino de Brito consolidava o pensamento modernista de Camillo Sitte, conjugando o “verde decorativo” e o “verde sanitário” e anunciando as funções prioritárias nas intervenções paisagísticas que ocorreriam na década posterior.

O desenho do Projecto Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby de 1924 mostra o quartel como edifício principal no final do eixo central tal qual os jardins concebidos por Lê Notre – Vaux-Le-Vicomte, Chantilly e Versailles (Figura 4).

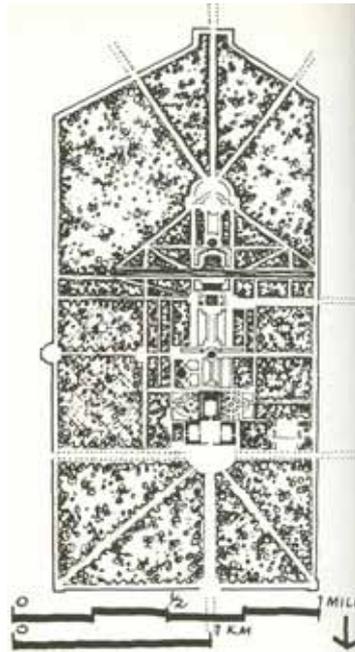
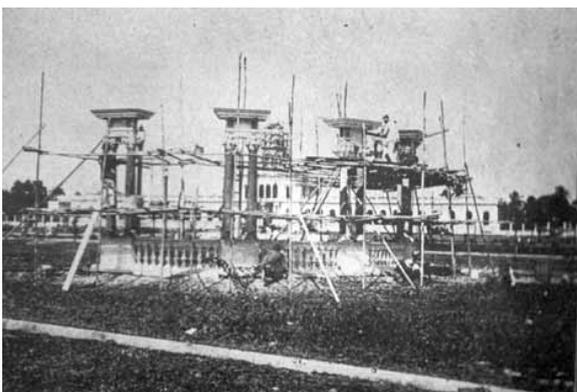


Figura 4: Plano de Lê-Notre para o jardim de Vaux-Le-Vicomte. Fonte: Laurie, 1983, p. 46.

O eixo fica ladeado por duas áreas verdes compactas e de vegetação rasteira com árvores só no entorno, para marcar a imponente edificação principal, o quartel, sem passeios de pedestre. Nas áreas maiores, onde fica o mobiliário, ao lado do eixo principal aparecem os caminhos sinuosos que levam às edificações – pérgula e coreto – e aos lagos (Figuras 5 e 6). O canal é um dos elementos definidores do projeto de paisagem que fortalece a intenção de higienização. Por fim, estão distribuídos os lotes residenciais para a elite ascendente que edifica seus palacetes ao lado da área de recreação.



Figuras 5 e 6: Lago com a ilha e coreto em construção, respectivamente.

Fonte: Revista de Pernambuco, novembro de 1924 e outubro de 1924

Esse desenho é repetido no Plano Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby, elaborado por volta de 1930, que ainda pontua os edifícios do entorno: a Faculdade de Medicina, o Hospital da Brigada, a Maternidade e a Casa do Estudante (Figuras 7 e 8).

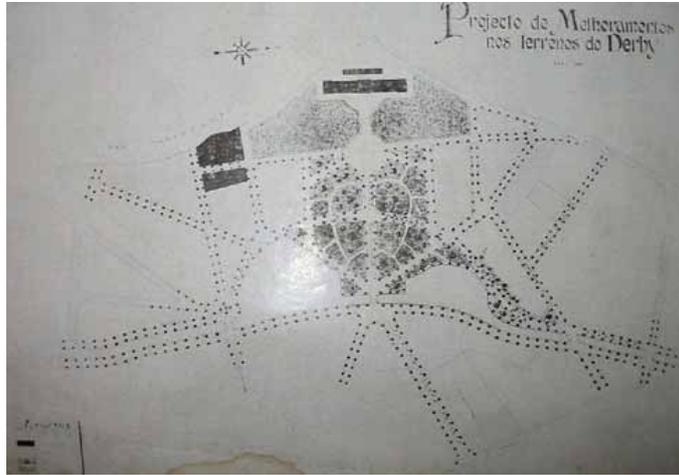


Figura 7: Projecto Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby, 1924.
Fonte: Revista de Pernambuco, julho de 1924.



Figura 8: Plano Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby, década de 1930.
Fonte: Acervo do Arquivo público Estadual Jordão Emerenciano.

É importante ressaltar a projeção nacional do Passeio Público do Rio de Janeiro concebido pelo Mestre Valentim em 1779 como um jardim de prazer de influência francesa predominando os caminhos retos por meio de grandes eixos (Terra, 2000). Esse jardim é reformado, no ano de 1879, pelo botânico francês Glaziou, adotando características do romantismo inglês, ou seja, transformando as linhas retas em curvas e acrescentando lagos irregulares. É desse momento ainda o Parque da Quinta da Boa Vista que Glaziou fez para D. Pedro II, no Rio de Janeiro, com uma ilha romântica contendo um pavilhão e inserida num grande lago (Figura 9).



Figura 9: Parque da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro-RJ, 2004.
Fonte: Acervo pessoal de Aline de Figueirôa Silva.

Os componentes dessa proposta apareceram no Parque do Derby em forma de um pequeno lago com ilha. Isso mostra que, apesar das ações se fazerem em locais distintos, elas têm uma origem comum e espelham o que está em evidência no centro do mundo. E a maior ou menor influência dependerá da oportunidade ocorrida para predominar uma determinada idéia.

CONCLUSÕES

A concepção do Parque do Derby mostrou um grande avanço nas intenções de se projetar a paisagem urbana na década de 1920 no Recife, priorizando funções urbanas relacionadas à estética, à higiene e à recreação e mesclando influências locais e universais. Representou a realização de um grande empreendimento moderno que caracterizava o progresso e a qualidade urbana e serviu de exemplo para a expansão de outras partes da cidade e outros projetos de parque como o projeto do Parque 13 de Maio, em 1939, de autoria do engenheiro Domingos Ferreira. Os princípios de sua concepção paisagística tão bem formulados, foram respeitados e aprimorados pelo paisagista Roberto Burle Marx em 1937, que acrescentou vegetação encomendada do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e inseriu um espaço acolhedor, o qual teria designado de “ilha dos Amores”. Hoje, com a denominação de Praça do Derby, esse espaço mantém suas características projetuais estéticas e ecológicas (higiênicas) e é uma referência de convívio social e recreativo, de grande popularidade, conservando até certo ponto sua função de parque para a população do Recife Metropolitano que busca um lugar agradável e atraente no final de semana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Juliana Bandeira de. **Os canais na paisagem do Recife: Por um sistema azul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BARROS, Souza. **A Década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

CORREIA, Telma de B. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas: Papirus, 1998.

LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **Bairro do Recife: Entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: Cepe: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

MARCONDES, Maria José. **Patrimônio e lugar: apontamentos para o pensamento urbanístico** Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPQ, 2005.

MARQUES, Sonia; VAINSENER, Kátia. **O Bairro do Derby: Influências Européias no Morar Bem das Elites**. [Texto apresentado no 4º Seminário de História Cidade e do Urbanismo, em 1996].

MOREIRA, Fernando Diniz. **A aventura do Urbanismo Moderno na cidade do Recife – 1900 a 1965**. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). *Urbanismo no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAUUSP: FUPAM, 1999.

_____. **A Construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

REVISTA de Pernambuco. Anno I, Num I, Julho de 1924.

_____. Anno I, Num II, Agosto de 1924.

_____. Anno I, Num IV, Outubro de 1924.

_____. Anno I, Num V, Novembro de 1924.

_____. Anno I, Num VI, Dezembro de 1924.

_____. Anno II, Num XIII, Julho de 1925.

_____. Anno II, Num XIV, Agosto de 1925.

RIBEIRO, Ana Rita Sá Carneiro. **The relationship between Park Design, Functions and Uses: A case study in Recife, Brazil**. Tese (Doutorado em Parques Urbanos) – Oxford Brookes University, Oxford, 1996.

SERPA, Angelo. Paisagem em Movimento: O Parque André-Citroën em Paris. **Paisagem e ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 137-161, 2004.

TERRA, Carlos G. **O jardim no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado**. Rio de Janeiro: EBA: UFRJ, 2000.